

## O SATOLEP DE VITOR RAMIL E A ILUSÃO DO ESPAÇO

AROLDO GARCIA DOS ANJOS<sup>1</sup>;  
DAIANE NEUMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – aroldodosanjos@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva apresentar uma leitura sobre a obra *Satolep*, de Vitor Ramil, buscando realizar uma reflexão sobre o tempo que leve em conta a sua dimensão enunciativa. O trabalho situa-se em um entrelugar teórico, uma vez que parte de discussões de linguagem caras tanto à literatura quanto à linguística.

Para tanto, parte de uma aproximação teórica entre Walter Benjamin e Émile Benveniste, proposta por Giorgio Agamben. Com Benjamin, Benveniste e Saussure, Agamben conclui que a experiência já é sempre “palavra”, o que implica a consideração de que não há sujeito *a priori*, uma vez que este é constituído na linguagem e pela linguagem. Sua concepção de linguagem volta-se, com isso, ao que é da ordem da singularidade. Tal aproximação é aprofundada, no trabalho em questão, pelo viés do tempo.

Para Benjamin (1987), a história se aparenta à tarefa do colecionador que apresenta os objetos justapostos como peças de um museu, em oposição à relação causal. O método benjaminiano é da ordem da apresentação, não da explicação. Porém, o recolhimento dos elementos já é uma espécie de retrabalho do recolhido. O olhar sobre o passado, para Benjamin (1984), depende da noção de origem (*der Ursprung*), que supõe um salto original que emerge do devir, em um instante de ruptura. Esse instante é o tempo-agora (*Jetztzeit*), que, como um átimo de experiência libertadora, rompe o *continuum* e, em diálogo com as brechas suprimidas do passado, promove a atualização (*Aktualisierung*), ressignificando o presente em sua vinculação com a história humana.

A obra de Benveniste é explorada em maior detalhe, com o intuito de realçar o caráter indissociável da linguagem e da subjetividade e aprofundar a discussão sobre o tempo que resulta dessa reflexão. No que toca ao aspecto conceitual, são retomadas questões fundamentais da perspectiva benvenistiana, como a faculdade humana da simbolização, a relação da linguagem com o pensamento, a subjetividade, a passagem da língua ao discurso, os domínios semiótico e semântico, os processos de sintagmatização e semantização.

Posteriormente, o trabalho foca-se especificamente na discussão de Benveniste (2006) sobre o tempo. Como linha condutora desse processo, a noção de *atualização* é utilizada. Propõe-se que o termo “atualização” tem peso teórico na obra de Benveniste, crescendo dentro de suas reflexões em direção à concepção da própria experiência humana, marcada pelo discurso como atividade e pela expressão da temporalidade. Chega-se, assim, ao tempo constituidor, fundante de uma subjetividade no processo de atualização e de singularização da experiência humana. Com isso, encontra-se em Benveniste (2005; 2006) uma reflexão maior sobre a linguagem enquanto constituidora do ser humano, como o espaço fundamental da singularidade, ressaltando, assim, a dimensão antropológica e histórica de sua obra.

## 2. METODOLOGIA

O método de abordagem da pesquisa é de ordem analítica, a partir de discussões levantadas por Giorgio Agamben, Walter Benjamin e Émile Benveniste, assim como da revisão da fortuna crítica sobre obra *Satolep*. O trabalho percorreu o seguinte caminho: 1) leitura de textos teóricos da obra de Benjamin (1984; 1989; 2011) e Agamben (2008) que colocam em pauta a questão do tempo; 2) leitura de Benveniste (2005; 2006) e de comentadores de sua obra, com vistas às discussões que possibilitam fundamentar uma antropologia histórica da linguagem em suas reflexões, a fim de discutir especificamente a noção de tempo; 3) leitura e análise da obra *Satolep*, de Vitor Ramil, a partir de pressupostos derivados dessas reflexões.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com Benveniste, pensamos o tempo pela enunciação, pelo presente de fala, decorrente do ato de apropriação da língua, embate de herança e de singularidade; com Benjamin, consideramos o tempo presente como repleto de história, evocação simultânea de outros tempos, de outros discursos, a partir de saltos anacrônicos que irrompem na aparente linearidade do tempo, colocando-a em xeque. Tempo, espaço e pessoa são indissociáveis. Por essa perspectiva, o tempo não pode ser pensado apenas em termos de linearidade e sequencialidade, mas sim em sua qualidade constitutiva.

Segundo Benjamin e Benveniste, temos acesso somente ao presente, mas existe a memória, acessada (reconstruída) pelo presente, pela voz. O passado que emerge no presente, evocado pela memória, é sempre singular, posto que atualizado pela língua em uma nova instância enunciativa, em um novo tempo e espaço. A enunciação, o tempo da coincidência do acontecimento com a instância de fala, é o tempo da voz, onde há sujeito e, portanto, história. Pela consideração da atualização, Benjamin e Benveniste complementam-se.

Com base nessa consideração da atualização, observamos a construção do tempo na obra *Satolep*. Desde seu título e sua apresentação visual, *Satolep* parece instigar a pensar o espaço. O retorno no espaço lentamente se transmuta em um retorno no tempo. Com Benveniste, podemos pensar nos sentidos que se constroem pela ideia global da obra, a partir de seu discurso. Selbor diz estar num entretanto ou nos entretamentos: que lugar de entremeio pode ser esse? Que valor possui esse entrelugar na obra? Ali onde esperamos o espaço, defrontamo-nos com a problemática do tempo – e da memória. Há, na obra, marcadamente, um impasse entre interior e exterior, entre o mundo familiar e o da rua, que o protagonista precisa de algum modo ressignificar. Na globalidade do texto, emergem significações muito distintas das esperadas. Como em um grande *délibáb*, temos a presentificação do que está distante, do ausente. Pela rememoração, instaura-se uma temporalidade própria. É no espaço da memória e da tênue possibilidade de suas reconstruções que se deve desenredar esse impasse. *Satolep* nos cria, assim, uma armadilha, colocando-nos em um labirinto temporal sugerido como espaço.

#### 4. CONCLUSÕES

Observar a construção do tempo em *Satolep* levou a aprofundar a aproximação, feita por Agamben, entre Benjamin e Benveniste. Levou também a refletir acerca do tempo como categoria e, no limite, acerca dos conceitos de tempo-agora e de enunciação, via noção de atualização. Segundo Benveniste, em toda tomada da palavra, o mundo recomeça. Para Benjamin, o *Jetztzeit*, concebido como uma interrupção brutal do *continuum*, é um instante de intensidade e de condensação do passado no agora, interrupção da qual emerge o valor político e messiânico. *Satolep* incita a observar que toda enunciação é interrupção do aparente fluxo linear cronológico, uma vez que funda sempre um novo tempo-espaço, uma nova temporalidade. Conclui-se, com isso, que pré-determinar o trabalho com o tempo mostra-se questionável. Não há como falar do tempo apenas buscando encaixá-lo em categorias, como aquelas de tempo objetivo e subjetivo, por exemplo. Fazê-lo, no caso de *Satolep*, seria matar mesmo os princípios pelos quais a narrativa se constrói, assim como os temas que desenvolve e as reflexões que articula, afinal: “Nascer leva tempo”.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Vol. I**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire, um lírico no auge no capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)**. Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão de Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães, Marco Escobar, Rosa Figueira, Vandersi Castro, João Geraldi, Ingedore Koch. Revisão técnica: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: In Press Eds, 2006.



DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. Émile Benveniste e a arte do pensar. *In: ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. Tradução: Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira.

FIORIN, José Luiz. Língua e história em Saussure. *In: Matraga*, v. 21, n. 34, Rio de Janeiro, p. 54-72, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. Ed. São Paulo, Perspectiva, 1999.

LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. Entrevistadores: Marlene Teixeira e Valdir Flores. Tradução: Daniel Costa da Silva. *In: Calidoscópico*, v. 11, n. 2, São Leopoldo, p. 221-224, 2013.

NEUMANN, Daiane. A problemática de uma antropologia histórica da linguagem. *In: Diálogo das Letras*, v. 6, p. 232-246, 2017.

NEUMANN, D.; ANJOS, A. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *In: Leitura*, Maceió, v. 1, nº 62, p. 315-332, 2019.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

YUN, Mi-Ae. **Walter Benjamin als Zeitgenosse Bertolt Brechts**: Eine paradoxe Beziehung zwischen Nähe und Ferne. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.